

# XXXI COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE



## [Com/Con]tradições na História da Arte

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti  
Maria de Fátima Morethy Couto  
Marize Malta

Universidade Estadual de Campinas  
Outubro 2011



# **A imagem e o sentido na materialidade da obra de Jorge Duarte**

Angela Ancora da Luz

Escola de Belas Artes da UFRJ

## **Resumo**

O objeto de investigação do historiador da arte é a obra, que se encarna na condição de documento, conforme defende Panofsky. Temos o objeto, em sua materialidade, e a imagem que nos transmite a mensagem e se integra na própria obra. A comunicação que se pretende levar ao XXXI Colóquio de História da Arte do Comitê Brasileiro de História da Arte tem como ponto nodal a obra de Jorge Duarte. A imagem e o sentido que o artista confere a obra se integram no objeto. Pela ironia, Jorge Duarte nos confronta com o absurdo e nos revela a ambigüidade da existência humana com seu olhar crítico.

**Palavras-chave:** Imagem.ironia.JorgeDuarte.arte

## **Abstract**

The object of research of the art historian is the artwork, which is embodied in the condition of document as advocated by Panofsky. We have the object in its materiality and the image that sends us the message and is part of the artwork itself. The communication that is intended to be taken to the XXXI Colloquium on Art History of the Brazilian Committee of Art History has the artwork of Jorge Duarte at its focal point. The image and the meaning that the artist gives to the artwork become part of the object. By irony, Jorge Duarte confronts us with the absurd and reveals the ambiguity of human existence with his critical eye.

**Keywords:** Image.irony.Jorge Duarte.art

A imagem, como representação mental, pode ser discutida em relação à sua origem e quanto à função desempenhada pelo imaginário.<sup>1</sup> A controvérsia gerada pelos vários posicionamentos filosóficos nos impõe uma tomada de posição para refletir sobre a obra de Jorge Duarte. Queremos pensar a imagem como confissão involuntária do artista,<sup>2</sup> na medida em que, por ela, ele é capaz de transmitir um sentido norteado por sua interioridade. O artista não pode deixar de se expor, a partir do momento em que materializa suas inquietações e as coloca diante de nós, por meio de sua arte.

É neste contexto que a obra de Jorge Duarte ganha significado. Sua imaginação criadora concebe formas que transitam da pintura para o objeto sem estarem presas a qualquer categoria. No âmago da contemporaneidade ela é alimentada pela irreverência e pela ironia do artista. Seu olhar crítico investiga o mundo à sua volta e sua sensibilidade acolhe a matéria, que se tornará obra, fazendo-se à imagem e semelhança de seu autor, na confissão involuntária de sua interioridade. O que vemos suscita em nós imagens, não necessariamente da obra, mas desta confissão visível do artista.

As relações entre o homem e o mundo formam o horizonte existencial que vem sendo atravessado por Jorge Duarte. Ele começou a percorrer estes caminhos em 1992, quando estabeleceu um vínculo com outros jovens artistas

---

<sup>1</sup> SEABRA, Maria do Prado – *O imaginário*. Presença Filosófica. Vol. III Nº 2 Julho/Setembro 1977. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos. 1977. p. 61

<sup>2</sup> N.A – O conceito é apresentado por Régis Debray na obra “Vida e morte da imagem: uma história do olhar ano ocidente”, RJ, Ed. VOZES, 1992.

da periferia do Rio de Janeiro, mais especificamente da Baixada Fluminense, ligação que se confirmaria dez anos depois, quando surge o Imaginário Periférico. Além de Jorge, foram fundadores do grupo, os artistas Roberto Tavares, Julio Sekiguchi, Ronald Duarte, Raimundo Rodrigues e Deneir de Souza.

O grupo tinha em comum a origem. Não que fossem do mesmo lugar, mas das mesmas condições, de experiências semelhantes do que se observa nas áreas periféricas do Rio de Janeiro, como Nova Iguaçu, Piabetá, Friburgo, Frágoso e Pau Grande. A foto em que os seis aparecem deitados nos dormentes dos trilhos de trem é emblemática. Eles se tornam semelhantes, na imobilidade de estarem ali dispostos naquele pedaço de terra, no chão da periferia, na expectativa das locomotivas, no ruído previsível que marca a sua passagem, na velocidade que os arrebatam para a cidade, de onde retornariam para aquela região. Este retorno está ligado ao imaginário, pois junto aos dormentes eles inscreveram uma presença. É assim que surge o Imaginário Periférico.

Dez anos depois, em 2002, o grupo estará oficialmente formado. A ação que desenvolvem está inicialmente reservada às ações vividas e apresentadas nas áreas periféricas. A oportunidade de levarem suas criações a um espaço de exposição surgiu neste ano, no espaço da Galeria de Arte do SESC de Nova Iguaçu. A partir daí seguiram-se outras mostras que guardavam as mesmas características, e levavam a poética coletiva dos artistas itinerantes pelos SESCs da Baixada. Isto não

fez desaparecer o gosto pela mostra ao ar livre, junto ao calor do povo, na experimentação que é capaz de fazer de um observador da periferia alguém que se torna seu igual, até artista, e se descobre na fraterna identidade de pensamentos. Então eles se tornam capazes de contribuir para a obra e de fruí-la de modo espontâneo e verdadeiro, pois ela os alcança e permite ser alcançada.

Jorge Duarte define o grupo como “deambuladores do espaço”, sem quaisquer exclusões. É neste espírito que eles chegam a Central do Brasil, à estação que os traz para o centro fervilhante do Rio, mas que é o ponto de contato com a Baixada. Em suas plataformas a certeza do retorno está assegurada. É o lugar das trocas, das idas e vindas, aonde o povo se aquece no calor mútuo. Como poética inclusiva, as qualidades e a inteligência do povo se presentificam nas obras e, como não poderia deixar de ser, o humor contagiante se materializa em novas formas. Na Central do Brasil, tomada pelo ímpeto dos periféricos, eles fazem a exposição de 2003, que se tornaria um marco na trajetória dos seis artistas fundadores. A partir daí, a multiplicação será contínua, formando uma rede de comunicação que vai cobrindo, palmo a palmo as terras da Baixada ao centro, fazendo desaparecer as distâncias.

Quatro dos artistas que se deitaram nos dormentes dos trilhos do trem eram alunos da Escola de Belas Artes, instituição que sempre incluiu todas as classes sociais, trazendo grande contribuição à formação artística no país. Eles continuam ligados à escola, quer como professores, ou como pesquisadores que buscam a formação na

pós-graduação. Outros vieram a seguir, como é o caso de Nivaldo Carneiro, também periférico e professor de escultura da Escola, e outros ainda virão.

Os passos iniciais na trajetória do Imaginário Periférico servem como alavanca para se pensar o tema proposto e a obra de Jorge Duarte. Não estamos falando em significado, mas em sentido, que é possível na materialidade dos elementos que se associam em suas criações. A imagem surge como decorrência de algo que não é descrito. Ela se forma em nossa consciência, através do olhar, mas não é o que vemos.

A obra “Rede de entregas”, por exemplo, surge como uma composição colorida, numa superfície de 300 por 400 cm, totalmente coberta por calcinhas e cuecas de malha, coloridas, esticadas e que se unem umas às outras formando uma rede. Elas atuam como cor e forma. A primeira imagem que nos assalta é a de uma criação construtiva, de cores fortes e de métrica rigorosa. Quando nos aproximamos encontramos outra materialidade que traz a cor por meio de uma peça íntima, que se une à outra e assim sucessivamente. Homem e mulher: povo, identidade, necessidade, humor, sensibilidade. Assim como se unem as peças, Jorge Duarte liga o popular e o sofisticado, o rude e o intelectual, trazendo a surpresa como contraponto da contemplação. Esta última não tem mais lugar. A composição se estabelece com elementos verticais e horizontais que se entrelaçam como a urdidura e a trama de um tecido. Apesar de serem peças de uso íntimo elas proclamam o primado da cor, que vai sendo combinada e aplicada sobre um suporte

imaterial. Ele não propõe um significado, mas nos traz um sentido, que é eminentemente existencial.

Jorge Duarte trabalha com o nosso inconsciente, numa outra proposta, diferente da surrealista, pois sua consciência se mantém lúcida, sua memória permanece totalmente ativa, sem qualquer traço de automatismo psíquico. É de nós que ele retira o que pode ser acrescentado à sua obra. Se cotejarmos a composição “Rede de entregas”, de 2006, com “Pictopoema”, de 2010, muitas analogias poderão surgir entre elas, até pelas imagens ou mesmo pela cor, mas o sentido é outro.

Na primeira, as peças constituem fetiches em rede, integrados de modo a formar uma composição abstrata. No momento em que o fruidor os alcança, eles se deslocam da superfície em que estão associados e vão adquirir sentido nesta materialidade, enquanto suscitam as imagens que cada observador carrega em si.

Na segunda, Pictopoema, pintura em acrílico sobre tela, a trama ondula para conter as cores, que são palavras pintadas, numa iconografia próxima a dos grafiteiros urbanos. Aqui a poesia estrutura a obra, ela completa o sentido da imagem. A pintura cobre toda a tela, sem deixar vazios por onde possamos nos perder. Ela volta para nós e se buscamos encontrar o significado de uma ou outra palavra, ironicamente, Jorge Duarte nos confunde e faz com que sua tela nos olhe para procurar em nós as palavras certas. Somos atravessados por este olhar, o que nos remete a Didi-Hubermann quando nos fala da cisão do olhar.



A tela vibra em contrastes simultâneos, fazendo com que as palavras, que afloram à superfície criem uma continuidade na composição, anulando a profundidade. A legibilidade está propositalmente comprometida, pois elas se dissimulam na cor. Da mesma forma que não vemos inicialmente calcinhas e cuecas em “Rede de entregas”, não lemos, numa primeira abordagem, o que nos escreve o artista em “Pictopoema”. Temos que habituar o olho, como quando penetramos num espaço em que a luz, maior ou menor, nos obriga a uma adaptação para que as imagens surjam. De repente uma palavra se faz inteligível e vai contaminar as outras, mas não percebemos seus significados. Sabemos que elas estão ali, como elementos de estruturação da própria pintura, integrando a mensagem com a imagem por meio da materialidade e determinando o sentido da obra.

A poética de Jorge Duarte é ácida, as imagens são corrosivas e cauterizam o supérfluo, o frívolo e o banal. Ele busca na alteridade o discurso verdadeiro que penetra em profundidade. Destacamos a obra “Tábua de Carne”, em acrílica sobre madeira, criada em 2010. O artista pinta a tábua “como carne”. Os elementos figurativos estão presentes na identificação visual da carne exposta, marmórea, desenhada com seus veios, de aspecto suculento e úmido, tudo que falta na mesa do povo e inexistente como alimento nas tábuas de tantas famílias.

Não se trata de um enfoque surrealista. O sentido não é o de Magritte, por exemplo, em “O modelo vermelho”, quando une o pé humano ao sapato, numa fusão que aponta

para o que ele chamou de “monstruoso hábito”. Em Jorge Duarte não existe o trânsito das representações figurativas da tábua para a carne. Existe a tábua, que é carne, porque esta não está presente na mesa do trabalhador, então ela se faz tábua. O que dá sentido a imagem da carne é a tábua, é o outro que lhe confere identidade. Em “Tábua de Carne” ele consegue o distanciamento necessário para a sua abordagem crítica através da pintura.

A reflexão existencial está presente direta ou indiretamente na obra do artista. O jogo trágico, em que o homem e a terra polarizam a ação, é vivido por Jorge Duarte em silêncio. As vozes da sua inquietação se levantam, buscando na memória, no território de suas vivências, os elementos que podem contar sobre o riso, o choro, a vida, a morte, o jugo e a liberdade.

As obras “Vaca e bezerro cercados”, pintura acrílica sobre tela com arame farpado, de 2010, e “Malhada”, couro bovino pirogravado e arame farpado, podem ser analisadas em conjunto. A proposta se tangencia, como se uma fosse complementar da outra. Na primeira obra, sobre um fundo bucólico de paisagem que foi pintada sobre a tela, recortam-se os dois animais. Eles criam uma estrutura contínua em que as transparências permitem a visualização do fundo. As formas são leves, realistas, mas nossos olhos vão aos poucos desvelando a materialidade com que foram tecidos. Eles estão “bordados” em arame farpado. A agressividade do material se contrapõe a ingenuidade dos animais e ao bucolismo do campo, revertendo o sentido da imagem na materialidade da obra. “Vaca e bezerro cercados” trazem

no corpo o limite da liberdade: eles estão presos na sua forma. O sentido de “Malhada”, não é outro. Aqui é o couro que se mescla, recortado em formas retangulares, como num jogo de xadrez. Os pedaços se unem para constituir um novo couro malhado. A “costura” é feita com arame farpado. Sobre o novo couro, Jorge Duarte vai gravar uma “vaquinha” malhada. A pirogravura determina um ato de força e domínio pelo fogo, mas a imagem que surge no desenho da vaquinha é infantil, ingênuo, alegre e doce.

A técnica nos remete ao ferro que marca o boi, enquanto a costura com o arame farpado tem uma ligação simbólica com a cerca que o impede de sair dos limites. Mais uma vez é pelo outro que ele confere a identidade de sua iconografia. É pela alteridade que Jorge Duarte manifesta o sentido de sua criação. O discurso é penetrante, mas a retórica é silenciosa.

É o cheiro do campo que Jorge traz em si; ele deve ser sentido pela imagem, numa experiência sinestésica que vai conferir o sentido na materialidade de sua obra. O artista não abandonou a periferia ao chegar à cidade grande. Ele a expandiu dentro de si e vem manifestando sua extensão pela irreverência, ironia, olhar crítico, liberdade e individualidade, tanto entre doutos, na universidade, como entre o povo, nas aglomerações das praças.

A matéria não limita o artista, razão pela qual ele transita da pintura para o objeto, do plano para o tridimensional, do transparente para o opaco, mas sempre com um determinado propósito, que é, em síntese, pensar o homem e seu horizonte existencial. Na obra “Gugu – Dadá:

100 idéias pós-neo-pré”, Jorge parte do livro como suporte para sua poética. Ele se apropria de um livro obsoleto de Anatomia e vai criar outra capa, que opera como continente de suas mensagens. Mas a idéia do livro fechado já sinaliza, subliminarmente, as 100 idéias do fruidor. Jorge Duarte apenas sinaliza com Gugu-Dada, balbucio que marca o início da trajetória do homem no planeta. A frase “pós-neo-pré” é exatamente, tudo, desde a concepção, ao nascimento e a vida, independente de sua extensão. Há, ainda, forte dose de ironia no nome escolhido para a editora: “Clara Fontes”, assim como no desenho da boca que se abre, rindo da existência humana, sem compartilhar conosco as 100 idéias contidas no livro, porém apenas nos olha, como perscrutando a nossa alma para buscar estas mesmas idéias, que estão na interioridade de cada espectador.

Em todas as suas obras as imagens criadas, por apropriação de objetos, combinação de materiais ou, simplesmente, por pintura, se fazem em nós. Ele pode transformar um objeto, *des-formando* o que já possuía uma ordem para lhe conferir o sentido de sua indagação, de seu olhar o mundo, buscando em nós a parceria necessária para consumir a obra.

#### Referências Bibliográficas:

- BASBAUM, Ricardo (org.) – *Arte contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.  
DEBRAY, Régis - *Vida e morte da imagem: uma história do olhar ano ocidente*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1992.  
DIDI-HUBERMAN, Georges – *Devant L' image*. Paris: Éditions de Minuit, 1990.  
\_\_\_\_\_ – *El bailador de soledades*. Valencia: Pre-textos, 2008.

\_\_\_\_\_ – *Ser crânio. Lugar, contato, pensamento, escultura*. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice – *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_ – *O visível e o invisível*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 2000.

SEABRA, Maria do Prado – *O imaginário*. Presença Filosófica. Vol. III Nº 2 Julho/Setembro 1977. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos. 1977.

**Sites:**

[http://www.eba.ufrj.br/ppgav/lib/exe/fetch.php?media=revista:e18:renata\\_gesomino.pdf](http://www.eba.ufrj.br/ppgav/lib/exe/fetch.php?media=revista:e18:renata_gesomino.pdf)

<http://imaginarioperiferico.blogspot.com/>

